

ZOILLO E TRIMALQUIÃO DUAS VARIAÇÕES SOBRE O TEMA DO NOVO-RICO

DELFINO F. LEÃO
Universidade de Coimbra

Abstract: The author of this article analyzes two variations on the theme of the *nouveau-riche*: Martial's Zoilus and Petronius' Trimalchio. In Zoilus, we can grasp all the main features attached to the image of a freedman, and by this we have a clear example of the social type Martial verberates. Petronius evokes the guidelines of the same satirical tradition, but he also gives his literary creation enough psychological density to make of Trimalchio a real character, with much more complexity than a simple social type would expect to have.

Ao percorrer os *Epigramas* de Marcial, o leitor é invadido pela agradável impressão de viajar no tempo e de experimentar toda a escala de sensações que marcaria a cosmopolita sociedade romana do séc. I. De facto, Roma pulsa nos versos do poeta e essa vivacidade multimodal constitui, precisamente, umas das suas notas de maior originalidade e interesse. É certo que a própria variedade temática e a repentina alteração de estados de alma podem causar algum prejuízo à unidade da obra, como se ela fora simplesmente um trabalho feito ao descaso e ao correr da inspiração do momento. Esta leitura não deixa de ter a sua pertinência, decorrente, aliás, da própria natureza vária do género epigramático; de resto, a centelha do génio de Marcial brilha com muito maior intensidade nos poemas breves e incisivos do que nas composições mais longas, onde o rasgo da inspiração acaba por ficar diluído e com menos força. Por outro lado, se é verdade que a constante variação temática prejudica a unidade da obra, não deixa, ainda assim, de garantir-lhe alguma vantagem aos olhos de um público mais heterogéneo. De certa forma, a leitura

de cada livro e de cada composição representa sempre uma incógnita e uma surpresa só desfeitas pela própria leitura. De facto, a poesia de Marcial vive também sob o signo da contradição consigo mesma, característica decorrente da natureza mundana e insatisfeita que acaba por espelhar.¹

Os tipos sociais, destilados a partir das multidões que habitavam a Urbe, fornecem um catálogo completo de algumas virtudes e de todos os vícios que povoam o universo dos *Epigramas*: são «caçadores de heranças, avaros, ébrios, homossexuais, plagiários e recitadores, mulheres feias e velhas presumidas, devassos, prostitutas, médicos e advogados fanfarrões».² Geralmente, não há, entre estas personagens, outros laços que não sejam a simples ilustração de um aspecto satirizado, realidade visível, aliás, na ampla galeria de figuras evocadas. Ainda assim, algumas delas aparecem com certa frequência e chegam mesmo a concentrar-se em determinados livros, ajudando a tecer ténues fios que ligam internamente uma obra que, conforme dizíamos no início, se cria a partir de múltiplos estilhaços da realidade. Assim acontece com nomes como Póstumo (2.10; 12; 21; 22; 23; 67; 72), Sélio (2.11; 14; 27) ou Ligurino (3.44; 45; 50).³ Outras figuras, como Taís ou Gala, despontam aqui e além ao longo de vários livros.

É entre estas últimas que se situa, precisamente, a personagem que elegemos para estudo – Zoilo –, que aparece mencionada pelo nome em dezoito epigramas, embora as referências se concentrem, em particular, nos livros II e XI.⁴ Representa o novo-rico, um tipo social que atraiu, inúmeras vezes, as vaias da tradição satírica grega e latina. O pormenor

¹ Este aspecto dificulta a “catalogação” de Marcial segundo uma ideologia específica; no entanto, há valores como a amizade, o reconhecimento e a partilha que estão entre as qualidades eleitas do poeta. Sobre estas questões, decorrentes da própria capacidade para amar verdadeiramente, vide José Luís Lopes BRANDÃO, *Da quod amem. Amor e amargor na poesia de Marcial* (Lisboa e Coimbra, Edições Colibri, 1998).

² Para nos servirmos da síntese, que não pretende ser exaustiva, de BRANDÃO, *Da quod amem*, 18.

³ Este recurso pode identificar-se também noutros autores, como Catulo; cf. os poemas à volta de figuras como Fúrio e Aurélio (15, 16, 21, 23, 26) ou Gélio (74, 80, 88, 89, 90, 116).

⁴ Vide 2.16, 19, 42, 58, 81; 3.29, 82; 4.77; 5.79; 6.91; 11.12, 30, 37, 54, 85, 92; 12.54.

de Marcial se referir ao liberto usando sempre o nome de Zoilo pode ser um indício de que a crítica visa atingir uma personalidade concreta, sobretudo se atendermos ao facto de este nome ser frequente entre os escravos. Ainda assim, pode tratar-se apenas de uma designação genérica, forjada a partir do homónimo de um gramático e filósofo cínico (séc. IV a.C.), que ficou para a posteridade como crítico acerbo de Isócrates, Platão e, em especial, Homero.⁵

Em todo o caso, o problema de Zoilo corresponder ou não a uma pessoa do mundo empírico é secundário para os nossos objectivos, dado que a análise que nos propomos fazer se prende com a caracterização do Zoilo “textual” apresentado nos *Epigramas*. Para essa operação, parece-nos vantajoso o paralelo com certa personagem criada por um outro autor do séc. I.; referimo-nos ao liberto Trimalquião, uma das principais figuras do *Satyricon* de Petrónio.⁶

Esta obra coloca ao estudioso problemas diferentes dos que evocamos para Marcial. De facto, quem se dedica ao *Satyricon* de Petrónio sente, muitas vezes, a dificuldade de trabalhar um texto que, a par das frequentes lacunas, aparece ainda truncado no início e no final. Tal inconveniente, no entanto, não se verifica com a *Cena Trimalchionis*, um episódio justamente famoso, que vários editores modernos continuam a publicar separadamente.⁷ É também com fundamento que se designa este longo passo como o festim daquele novo-rico excêntrico e imprevisível que constitui, porventura, a criação mais trabalhada e complexa do universo petroniano. Por este motivo, há, desde logo, um desnível entre a riqueza de análise permitida por esta personagem e as relativas limitações do Zoilo de Marcial.⁸ Geralmente, Trimalquião é apresentado como

⁵ Por isso mesmo, ficou conhecido pela alcunha de *Homeromastix* (‘chicote de Homero’). Em todo o caso, os pormenores relativos à sua existência são pouco claros, dado que cedo foi objecto de amplificação lendária; e.g. Eliano, *VH*, 11.10.

⁶ Para esta análise comparada, iremos recuperar alguns argumentos que explorámos noutra estudo: Delfim F. LEÃO, “Trimalquião: a *humanitas* de um novo-rico”, *Humanitas* 48 (Coimbra, 1996) 161-182.

⁷ *Sat.* 26.7-78.8.

⁸ Ou até do Nasidieno de Horácio (*Serm.* 2.8), onde se encontram alguns dos elementos fundamentais na caracterização do anfitrião inconveniente, que se torna insuportável aos olhos dos convivas pelo excesso de desvelos que mais não constituem do que uma forma disfarçada de chamar a atenção sobre si mesmo.

exemplo privilegiado do liberto enriquecido, que aproveita a presença dos seus convivas para, entre expressões de grosseria e de mau gosto, se gloriar da fortuna que acumulou.⁹ Trata-se de um traço inegável, mas a figura não se esgota nessa primeira análise, até porque o liberto revela, igualmente, características positivas (como a tenacidade com que se dedicou a vencer na vida), que ajudam a dar-lhe uma densidade psicológica que a figura evocada por Marcial está longe de possuir.

Para melhor vermos os paralelos e as diferenças na caracterização de uma realidade idêntica, vamos analisar por tópicos e em termos comparativos alguns dos traços mais salientes destas duas figuras, a partir de passos de ambos os autores.¹⁰

1. Exibição de riqueza

Um dos traços mais distintivos do novo-rico consiste, precisamente, na preocupação em ostentar, à primeira oportunidade, sinais exteriores de riqueza, ainda que para isso tenha de simular enfermidades que não existem. Marcial conhece bem esse tipo de maleitas, para as quais sugere um remédio apropriado (2.16 e 5.79):

*Zoilus aegrotat: faciunt hanc stragula febrem.
Si fuerit sanus, coccina quid facient?
Quid torus a Nilo, quid Sidone tinctus olenti?
Ostendit stultas quid nisi morbus opes?
Quid tibi cum medicis? Dimitte Machaonas omnis.
Vis fieri sanus? Stragula sume mea.*

⁹ No romance, o poder do liberto é real e está presente no próprio nome que Petrónio lhe atribuiu, certamente para salientar este aspecto da sua personalidade. Trimalquião significará algo como 'três vezes rei' ou 'três vezes poderoso'. Cf. Gareth SCHMELING, "The literary use of names in Petronius' *Satyricon*", RSC 17 (Torino, 1969) 5-10, p. 9; interpretação depreciativa do nome em Emanuele CASTORINA, "La lingua di Petronio e la figura di Trimalchione", *SicGymn* 26 (Catania, 1973) 18-40, esp. 22-23 e n. 16.

¹⁰ Salvo expressa indicação em contrário, as traduções serão sempre da nossa autoria. Para as citações de Petrónio, usa-se o texto fixado por Konrad MÜLLER e Wilhelm EHLERS, *Petronius Satyrica* (Zürich, Artemis & Winkler, 1995); para Marcial, utiliza-se a edição de D. R. Shackleton BAILEY, *M. Valerii Martialis Epigrammata* (Stuttgart, Teubner, 1990).

Zoilo está doente: são as colchas que provocam esta febre.
 Se estivesse são, as cobertas de escarlata para que serviam?
 Para quê o leito importado do Nilo, para quê a tintura perfumada de Sídon?
 Então não é doença ostentar riquezas tolas?
 Para que precisas dos médicos? Manda embora todos os Macáones.
 Queres tornar-te são? Pega lá as minhas colchas.¹¹

*Vndecies una surrexit, Zoile, cena,
 et mutata tibi est synthesis undecies,
 sudor inhaereret madida ne ueste retentus
 et laxam tenuis laederet aura cutem.
 Quare ego nom sudo, qui tecum, Zoile, ceno?
 Frigus enim magnum synthesis una facit.*

Onze vezes te levantaste da mesa, Zoilo, durante um único jantar,
 e mudaste de roupão onze vezes,
 não fosse o suor entranhar-se na húmida veste
 e uma ténue brisa irritar a pele sensível.
 Por que razão eu não suo, quando janto, Zoilo, contigo?
 Grande é a frescura que dá um único roupão.¹²

No primeiro caso, a febre serve apenas como pretexto para Zoilo ostentar as cobertas de escarlata, o colchão que mandou vir do Nilo ou a púrpura perfumada; no segundo, a repetida mudança de roupão (*synthesis*) é justificada pelo calor sentido à mesa do jantar. Para ambas os problemas a solução é a mesma: o liberto não precisaria de tantos médicos e aconchegos, se tivesse apenas a velha colcha de Marcial, nem o suor lhe brotaria na pele se, como o poeta, um único roupão possuísse.

A exibição gratuita de riqueza torna-se mais ridícula ainda se sobre ela recair a sombra das dívidas ou a suspeita de ilegalidade. É por isso que o poeta prefere as suas velhas roupas às peças elegantes de Zoilo, porque as dele, ao menos, estão pagas (2.58). O mesmo ocorre com a enorme liteira em que o liberto se faz transportar: porque nela carrega, ao mesmo tempo, o miasma da indigência passada e do enriquecimento ilícito, não passa de um esquife (*sandapila*) semelhante aos que levam os féretros de miseráveis e condenados (2.81). Marcial assume, de maneira

¹¹ 2.16; trad. J. L. BRANDÃO.

¹² 5.79; trad. Paulo Sérgio FERREIRA.

frontal, a pobreza com a qual sempre conviveu, mas sente-se tentado a pedir aos deuses que lhe alterem a sorte, só para sentir o gosto de ver a inveja do novo-rico (4.77):

*Numquam diuitias deos rogavi
contentus modicis meoque laetus:
paupertas, ueniam dabis, recede.
Causast quae subiti nouique uoti?
Pendentem uolo Zoilum uidere.*

Nunca riquezas aos deuses supliquei,
contente com pouco e com o meu alegre:
tem paciência, pobreza, e põe-te a andar.
Qual será a causa deste súbito e insólito voto?
É que a Zoilo pendurado eu quero ver.

É este o retrato de Zoilo. Contudo, no que se refere a Trimalquião, a riqueza não é fingida, pois o liberto é dono de uma riqueza imensa, secundada apenas por igual jactância. São muitos os pormenores que, ao longo do *Festim*, salientam essa realidade.¹³ Um dos testemunhos mais interessantes provém da boca de um conviva já rodado que, no início do banquete, esclarece a Encólpio alguns dos requintes do anfitrião.¹⁴ Trata-se de Hérmeros, que fala de Trimalquião desta forma (37.8-10):

*Ipsa Trimalchio fundos habet, qua milui uolant, nummorum nummos.
Argentum in ostiarii illius cella plus iacet, quam quisquam in fortunis habet.
Familia uero babae babae, non mehercules puto decumam partem esse quae
dominum suum nouerit. Ad summam, quemuis ex istis babaecalis in rutae folium
coniciet. Nec est quod putes illum quicquam emere. Omnia domi nascuntur: lana,
citrea, piper; lacte gallinaceum si quaesieris, inuenies.*

Quanto a Trimalquião, tem propriedades por onde os milhafres podem espriar o voo, rios e rios de dinheiro. Há mais prata pelo chão do quarto do seu porteiro, que muito boa gente possui de património. Quanto

¹³ E.g. 28.7-8; 29.3-8; 30.2-3; 32.4; 33.2; 34.2-3; 47.11-13; 52.1. Algumas das referências serão, pela certa, hiperbólicas e um sintoma da megalomania do liberto: cf. 48.1-3; 53.1-10; 67.7-8.

¹⁴ Como o jogo de palavras encoberto em *carpe*; fizera também uma primeira apresentação da incansável Fortunata (36.5-8 e 37.1-8, respectivamente).

à criadagem — ora, ora! Tenho para mim, caramba, que nem a décima parte conhece o patrão. Numa palavra: é bem capaz de enfiar na ponta dum chinelo qualquer um desses lambe-botas. E não vás pensar que ele compra seja o que for. É tudo produção da casa: lã, limões, pimenta; leite de galinha, se o pedires, aí o hás-de encontrar.

É natural que o retrato esteja um pouco magnificado, pela evidente admiração que Hérmeros nutre pelo sucesso conseguido por Trimalquião.¹⁵ No entanto, as afirmações relativas à abundância de bens preciosos e de escravos são confirmadas quer pelas primeiras impressões de Encólpio ao entrar na casa do seu anfitrião,¹⁶ quer ainda pelo impressionante relatório da conta-corrente do liberto, apresentado no decurso do *Festim*.¹⁷ Por tudo isto, Hérmeros pode afirmar, com satisfação: «numa palavra: é bem capaz de enfiar na ponta dum chinelo qualquer um desses lambe-botas».¹⁸

O espanto que Trimalquião provoca em quem com ele convive não é um sentimento espontâneo, mas antes o produto de uma teatralidade ensaiada pelo próprio anfitrião em cada pormenor, mesmo para entrar no grande palco em que se transforma o espaço do *Festim*. De facto, ao aparecer, o anfitrião colhe a atenção de todos, como esperava, embora já aqui, e de forma bem clara, se comece a ver que o exibicionismo descamba, facilmente, em aparência ridícula (32.1-33.3):

In his eramus lautitiis, cum ipse Trimalchio ad symphoniam allatus est positusque inter ceruicalia munitissima expressit imprudentibus risum. Pallio

¹⁵ Notar que é o mesmo Hérmeros quem, mais adiante (57.1-58.14), fica encolerizado perante a falta de decoro que Ascilto e Gíton mostram ter à mesa, certamente toldados pela bebida. Contudo, esta reacção do liberto também pode constituir apenas um sentimento de solidariedade para com alguém que é da mesma classe, contra outras pessoas que o não são.

¹⁶ Cf. 28.8: *In aditu autem ipso stabat ostiarius prasinatus, cerasino succinctus cingulo, atque in lance argentea pisum purgabat.* ‘E, precisamente à entrada, encontrava-se especado o porteiro, de farda verde, apertado por um cinto cor de cereja, a descascar ervilhas para uma travessa de prata.’

¹⁷ 53.1-10.

¹⁸ Será curioso recordar que é contra um desses possíveis ‘parasitas’ ou ‘aduladores’ — de que fazem parte os *scholastici* — que Hérmeros se indigna. A argumentação com que ataca Ascilto não se desvia muito desta consciência da superioridade patrimonial. Cf. a ironia de 57.2.

enim coccineo adrasum excluserat caput, circaque oneratas ueste ceruices laticlauiam immiserat mappam fimbriis hinc atque illinc pendentibus. [...] Vt deinde pinna argentea dentes perfodit, «Amici,» inquit «nondum mihi suaue erat in triclinium uenire, sed ne diutius absentiuus morae uobis essem, omnem uoluptatem mihi negaui. Permittitis tamen finiri lusum.» Sequebatur puer cum tabula terebinthina et crystallinis tesseris, notauique rem omnium delicatissimam. Pro calculis enim albis ac nigris aureos argenteosque habebat denarios. Interim dum ille omnium textorum dicta inter lusum consumit.

Estávamos nós a meio destes requintes, quando nos é apresentado Trimalquião em pessoa, ao som de música; puseram-no entre almofadas muito juntas, o que fez estalar o riso, ao apanhar-nos desprevenidos. É que, de um manto escarlate, erguia-se a cabeça rapada e, à volta do pescoço, já abafado em roupa, tinha enrolada uma toalha guarnecida de faixas de púrpura, com franjas que pendiam de um e de outro lado. [...] Assim que limpou os dentes com um palito de prata, exclamou: «Meus amigos, ainda não me apetecia vir para o triclinio, mas, para não me demorar mais tempo longe de vocês, renunciei a todas as minhas comodidades. Permitam-me, contudo, terminar o jogo.» Vinha atrás dele um miúdo com um tabuleiro de terebinto e dados de cristal. Foi então que reparei num pormenor particularmente refinado: é que, em vez de peças brancas e pretas, usava moedas de ouro e de prata. Entretanto, no decorrer da partida, ele gastava tudo quanto eram palavrões de pedreiro.¹⁹

O sentimento geral dos convivas continua a ser de apreciação dos pratos servidos e do aparato de riqueza. De resto, Trimalquião não se poupa a esforços para expor o seu bem-estar, conforme demonstra a profusão de almofadas e requintadas toalhas. No entanto, estabelece-se um contraste entre essa ostentação de poder e dinheiro e a figura caricata da pessoa que a motiva. É natural, por conseguinte, o riso que provoca nos convivas. E se, por um lado, toda esta exuberância começa já a ganhar contornos de mau gosto, outro elemento vem corroborar a mesma ideia: a linguagem grosseira que Trimalquião usa ao jogar, em nítido contraste com a excelência do suporte material do *lusum*.

Trimalquião partilha, ainda, com Zoilo, o fingimento de situações de aparente enfermidade, por estas lhe fornecerem a mesma oportunidade para se exhibir. É o que acontece durante um número de acrobacia, quando

¹⁹ À letra, 'de tecelão', mas, entre nós, os pedreiros é que gozam da fama de usar uma linguagem desbocada.

um dos equilibristas cai sobre ele (54.1-5). Todos ficaram alvoroçados, mais por temor de terem de carpir um morto que lhes era estranho do que por genuína preocupação com o estado do anfitrião, aparentemente ferido no braço. Só a esposa – Fortunata – parecia estar realmente apreensiva. Entretanto, o *puer* que provocara o acidente arrastava-se aos pés dos convivas, a suplicar clemência. Mas, desta vez, Encólpio já estava de sobreaviso, em particular depois de ver um escravo ser açoitado porque, ao enfaixar o braço “ferido” do patrão, usara lã branca em vez de púrpura. Por isso, comenta (54.3): *Pessime mihi erat, ne his precibus per ridiculum aliquid catastropha quaereretur. Nec enim adhuc exciderat cocus ille, qui oblitus fuerat porcum exinterare.*²⁰ E as suas reservas eram justificadas; em vez da punição esperada, veio um decreto de Trimalquião, segundo o qual era dada liberdade ao equilibrista, para que se não dissesse que tão alta personalidade tinha sido maltratada por um escravo.

2. Anéis e ascendência de escravo

O uso de anéis obedecia a um código próprio, que deveria funcionar como primeiro indício sobre o estatuto do seu portador. De facto, o direito de usar anéis de ouro (*ius anuli aurei*) terá sido uma prerrogativa concedida por Tibério aos *equites* como forma de distingui-los de outros *ingenui*.²¹ No entanto, a medida rapidamente deu azo a abusos de vária ordem, pela parte de quem desejava alardear uma posição social que não possuía. Os libertos que haviam enriquecido encontravam-se entre os usurpadores mais usuais (11.37):

*Zoile, quid tota gemmam praecingere libra
te iuuat et miserum perdere sardonicha?
Anulus iste tuis fuerat modo cruribus aptus:
Non eadem digitis pondera conueniunt.*

²⁰ ‘A coisa não me estava a agradar, não fosse que, com essas súplicas, se procurasse dar alguma reviravolta a puxar para o ridículo. Ainda não me tinha passado aquela do cozinheiro que se tinha esquecido de estripar o porco.’

²¹ Cf. Plínio, *N.H.*, 33.32. Vide ainda comentário de N. M. KAY, *Martial Book XI. A commentary* (London, Duckworth, 1985) 151.

Zoilo, de que te serve engastar a gema numa libra
 inteira e deitar a perder a pobre sardónica?
 Esse anel ainda há pouco te ficava bem era na perna:
 mas um peso assim aos dedos não convém.

Em rigor, Zoilo não está a violar a letra da lei, na medida em o anel que exhibe não é feito unicamente de ouro, já que possui uma gema embutida. No entanto, o expediente fica bem visível na própria tentativa de disfarçar o engaste com um anel desmesuradamente grande. Este duplo abuso, que visa não apenas a usurpação de estatuto como ainda a usual jactância, leva Marcial a comentar que o anel lhe ficaria bem melhor na perna, numa clara alusão à ascendência escrava do novo-rico. De resto, o poeta volta a acusá-lo de ser um ladrão e um escravo fugitivo numa outra composição do mesmo livro, indícios que denunciam a verdadeira natureza de Zoilo (11.54):

*Unguenta et casias et olentem funera murram
 turaque de medio semicremata rogo
 et quae de Stygio rapuisti cinnama lecto,
 improbe, de turpi, Zoile, redde sinu.
 A pedibus didicere manus peccare proteruae.
 Non miror furem, qui fugitiuus eras.*

Perfumes e canela e a mirra que cheira a funeral
 e o incenso meio queimado do meio da pira rapinado
 e a canela que roubaste ao leito da Estige
 — tira-os, descarado Zoilo, do teu bolso imundo.
 Essas mãos atrevidas aprenderam o vício dos teus pés:
 não admira que sejas ladrão, tu que eras escravo fujão.

Zoilo não olha a meios para satisfazer o entranhado hábito de roubar, pois não respeita sequer as honras devidas aos mortos; por todos estes motivos, o único anel que ele deveria continuar a usar eram os grilhões que dedicara a Saturno, na altura em que recebeu a alforria (3.29).

No que se refere a este aspecto, Trimalquião fornece um claro paralelo com a situação descrita, a qual se encontra atestada, aliás, pelos achados arqueológicos relativos a este período da história de Roma. Tal pormenor de caracterização, que reforça o carácter exibicionista de Trimalquião, não escapa aos olhos do narrador, quando o liberto faz a sua entrada no banquete, da forma que comentámos na secção anterior.

Bastará evocar o passo, já que a sua clareza dispensa outros comentários (32.3-4):

Habebat etiam in minimo digito sinistrae manus anulum grandem subauratum, extremo uero articulo digiti sequentis minorem, ut mihi uidebatur, totum aureum, sed plane ferreis ueluti stellis ferruminatum. Et ne has tantum ostenderet diuitias, dextrum nudauit lacertum armilla aurea cultum et eboreo circulo lamina splendente conexo.

Usava, também, no dedo mindinho da mão esquerda, um grande anel ligeiramente dourado e ainda, no último nó do dedo seguinte, um mais pequeno, em ouro maciço, ao que me parecia, mas com uma espécie de estrela de ferro engastada. E para não fazer gala apenas dessas jóias, descobriu o braço direito, que estava enfeitado por um bracelete de ouro e um aro de marfim, e ainda por uma placa resplandecente a ligar.

3. Comportamento sexual e higiene

O comportamento sexual é um dos motivos mais frequentes na tradição satírica, pelo que não surpreende que o encontremos também na construção da figura de Zoilo. Ora um dos vícios que Marcial lhe aponta é o de ser *fellator* (11.30) e de, como tal, a sua boca cheirar pior do que a dos advogados e poetas, que o liberto acusava de *male olere*, numa alusão provável ao poder corrosivo que as suas palavras poderiam ter. A associação entre *fellatio* e mau hálito era comum na invectiva e o próprio Marcial faz uso dela, também noutros contextos.²² Aqui, porém, o insulto pode funcionar como resposta à afirmação de Zoilo, que englobava igualmente o autor enquanto poeta.

As alusões ao comportamento sexual desviante do liberto acumulam-se também noutros epigramas. Assim, ao referir a proibição do adultério, Marcial afirma que Zoilo até se pode alegrar com esta medida de carácter ético, uma vez que não será certamente afectado por ela, dado que não apreciava o coito normal (6.91). Noutros passos, a caracterização continua coerente com estas insinuações, como acontece quando o liberto é vaiado por ser *cunnilingus* (11.85), a quem uma paralisia súbita privou estes “prazeres alternativos”; a punição e também a comicidade do epi-

²² Ainda que de forma indirecta; cf. 2.12; 3.28; 3.77.

grama residem na obrigação de Zoilo ter de voltar-se, agora, para uma prática sexual mais regular. Há, finalmente, um outro poema onde é retomada a acusação de *fellatio*, desta vez associada não tanto ao mau cheiro, mas antes a uma realidade paralela, ou seja, à sujidade capaz de deixar imundo qualquer banho (2.42).

No que se refere ao *Satyricon*, não se pode afirmar que o comportamento sexual de Trimalquião seja alvo de uma atenção especial, dado que não constitui, propriamente, um traço distintivo do novo-rico. Ainda assim, também se encontra presente, como acontece no relato da juventude do liberto, onde os favores sexuais tiveram o seu papel (75.11); o momento em que a impulso amoroso do anfitrião é colocado mais em relevo diz respeito à forma como ele se lança sobre um dos criados que acabaram de entrar, provocando a ira de Fortunata, que se sentia, legitimamente, insultada (74.8-10).²³ O mesmo não ocorre, porém, a respeito da limpeza, que representa uma das obsessões do liberto, juntamente com a preocupação com o requinte e o tempo que o separa da morte. As primeiras cenas do banquete são disso um exemplo claro, a começar pelas palavras com que um dos escravos de Agamémnon apresenta aos *scholastici* o anfitrião daquela noite (26.9):

«*Quid? Vos*» inquit «*nescitis, hodie apud quem fiat? Trimalchio, lautissimus homo... Horologium in triclinio et bucinatorem habet subornatum, ut subinde sciat quantum de uita perdiderit.*»

«Então?» — atalhou ele — «Vocês não sabem em casa de quem se faz hoje a festa? É Trimalquião, um tipo todo requintes... Ele tem, na sala de jantar, um relógio e um corneteiro bem aperaltado, para saber, a cada momento, quanto tempo da sua vida se escoou.»

Trimalquião pode dar-se ao luxo de possuir um *bucinator* com a função expressa de o informar *quantum de uita perdiderit*. É tentadora, para o leitor, a ligação desta referência com a previsão do *mathematicus* Serapas, que o novo-rico há-de evocar, mais tarde, no *Festim*.²⁴ Segundo ela, ainda restam de vida a Trimalquião *annos triginta et menses quattuor et dies*

²³ Porém, no universo do *Satyricon*, é com o velho poeta Eumolpo que a incontinência sexual constitui um traço caracterizador importante.

²⁴ 76.10-77.3.

duos.²⁵ O liberto está a fazer a contagem decrescente até atingir o dia derradeiro, um momento que escapa ao seu domínio, mas que ele procura tornar próximo, na ânsia de o conseguir dominar.²⁶

Mas esta informação do *seruus* é-nos facultada somente como exemplo de uma faceta mais abrangente de Trimalquião; o facto de ser considerado *lautissimus homo*. Ora o tema das *lautitiae* ('requintes') liga-se directamente ao problema que estamos a tratar. De facto, *lautus*, ao cabo, deriva etimologicamente do verbo *lauare*, cujo sentido primeiro é de 'banhar'; só depois se juntou o sentido de 'refinar o estilo de vida'. E o prelúdio da *Cena* vai exactamente iniciar-se com esse primeiro acto de higiene que é a passagem pelas termas. Embora Trimalquião possua um *balneum* privado,²⁷ a imagem inicial que se colhe do anfitrião e de alguns dos seus convivas regista-se nos banhos públicos. É daí que partirá o cortejo em direcção à casa do novo-rico, de forma a acentuar o *spectaculum* produzido pelo velho e respectivos acompanhantes.

4. O liberto enquanto anfitrião

Entre os epigramas que evocam a figura de Zoilo, há um que ultrapassa todos os outros em extensão (3.82). Nele, Marcial explora traços característicos da imagem tradicional do novo-rico, como o número excessivo de escravos que se desdobram em atenções à volta do senhor, a desconsideração pelos convivas, a quem não faculta o mesmo tipo de deferências que apenas a si mesmo confere, ou ainda o facto de sucumbir ao sono e à bebedeira, obrigando os convidados a brindar em silêncio, por meio de gestos, a fim de não perturbarem o ébrio descanso do anfitrião.²⁸ O fraco privilégio que constitui ser convidado de Zoilo vem reto-

²⁵ 'Trinta anos e quatro meses e dois dias.'

²⁶ Cf. 78.5-8. Por essa razão, a excentricidade que irá permitir aos três jovens escapar da casa-labirinto de Trimalquião é a encenação da morte do respectivo dono, o estrépito da música e dos lamentos, que levam à intervenção dos *uigiles*, convencidos de que se tratava de um incêndio.

²⁷ Cf. 72.3-73.5.

²⁸ Em 3.82.32, Marcial refere certo Malquião, que os obriga a suportar desmandos semelhantes. Esta personagem, modelo de insolência e devassidão, não é identificável com uma figura concreta, mas nela tem sido já vista, por vezes, uma alusão velada a (Tri)malquião.

mado num outro epigrama, bastante mais curto e que valerá a pena recordar na íntegra (2.19):

*Felicem fieri credis me, Zoile, cena?
Felicem cena, Zoile, deinde tua?
Debet Aricino conuiuia recumbere cliuo,
quem tua felicem, Zoile, cena facit.*

Pensas que fico feliz, Zoilo, com um jantar?
Feliz com um jantar, Zoilo, ainda por cima o teu?
Deve estar deitado na ladeira de Arícia o conviva
a quem o teu jantar, Zoilo, faz feliz.²⁹

Às desconsiderações cometidas a cada momento por Zoilo em relação aos convivas, mencionadas na composição anterior, Marcial junta agora a pobreza do jantar facultado pelo novo-rico. A conjugação destes dois factores faz com que um convite para comer em sua casa seja um privilégio apreciado somente pelos mendigos que se arrastam pela rua Arícia.

Comparado com este cenário, o *Festim* de Trimalquião sai claramente a ganhar; embora a presença do anfitrião acabe por tornar-se pesada, as *lautitiae* com que povoava o espaço do banquete colhiam o apreço da generalidade dos presentes. De facto, as expectativas criadas pelo *seruus Agamemnonis* foram, à primeira vista, confirmadas. Mesmo antes de conhecer a identidade de Trimalquião, já Encólpio e os seus companheiros admiravam os requintes que ele provocava, vistos ainda como excentricidades curiosas e capazes de atrair a admiração.³⁰ É, aliás, com este sentimento, que Menelau (auxiliar de Agamémnon) os vai encontrar, na altura em que elucida Encólpio sobre a figura de Trimalquião (27.4):

*Cum has ergo miraremur lautitias, accurrit Menelaus et «Hic est» inquit
«apud quem cubitum ponitis, et quidem iam principium cenae uidetis.»*

²⁹ Tradução de J. L. Brandão.

³⁰ E.g. 27.3: *res nouas*; 28.6: *sequimur nos admiratione iam saturi*; 29.1: *ceterum ego dum omnia stupeo*; 30.1: *et quod praecipue miratus sum*; 30.5: *his repleti uoluptatibus*; 41.5: *damnaui ego stuporem meum*.

Estávamos nós a pasmar para estes requintes, quando aparece Menelau e adverte: «Este é o fulano em casa de quem vocês vão abancar; e, na verdade, já estão a ver o princípio do banquete.»

Mais adiante, com o avanço do jantar, a presença do anfitrião começa a tornar-se um embaraço, pelo que a sua ausência momentânea, provocada por necessidades fisiológicas imperiosas, será vista, por Encólpio e companheiros, como um alívio e uma oportunidade para entabularem conversa com os vizinhos (41.9). No entanto, embora os jovens *scholastici* (que vinham como “penduras” do professor de retórica) não se tivessem apercebido logo das regras do banquete, os indícios de desconsideração pelos convidados haviam começado bem cedo. Efectivamente, na altura de tomarem lugar nos leitos, Trimalquião esquecera logo uma das primeiras regras de etiqueta: a de acompanhar e orientar os hóspedes nessa tarefa (31.8):

Allata est tamen gustatio ualde lauta; nam iam omnes discubuerant praeter unum Trimalchionem, cui locus nouo more primus seruabatur.

Foi então que trouxeram uns aperitivos muito requintados, pois todos se encontravam já à mesa, a não ser Trimalquião, e só ele, para quem se tinha reservado o lugar à cabeça, segundo o novo costume.

Trimalquião atrasa-se para que maior seja o efeito produzido pela sua entrada em cena; esta atitude representa um sintoma inequívoco de que ele irá conceder algumas atenções às pessoas que o rodeiam, com o intuito de transformá-las em admiradores de si mesmo, num espectáculo onde apenas ele dita as regras e aparece como único protagonista.³¹ Por este motivo, mesmo quando brinda os convivas com benesses, fá-lo mais para acentuar a excelência da sua mesa do que a qualidade dos hóspedes. Assim acontece ao servir o vinho (34.7):

Dum titulos perlegimus, complosit Trimalchio manus et «Eheu» inquit «ergo diutius uiuit uinum quam homuncio. Quare tangomenas faciamus. Vinum uita est. Verum Opimianum praesto. Heri non tam bonum posui, et multo honestiores cenabant.»

³¹ Geralmente, o lugar do dono da casa era o *summus in imo*, ou seja, o primeiro do terceiro leito. Mas Trimalquião, a par das modas do dia (*nouo more*), ocupa o *summus in summo*, isto é, o primeiro lugar do primeiro leito.

Estávamos nós a acabar de ler os rótulos, quando Trimalquião bateu as mãos e exclamou: «Ah, que mais tempo vive o vinho que o pobre do homem! Por isso, tratemos de nos encharcar. A vida vinho é. Opimiano de casta é o que lhes ofereço. Ontem não o servi tão bom e jantava comigo gente de muito mais categoria.»

Depois de terem escutado este comentário, os convivas poderiam, de alguma forma, sentir-se honrados com a prodigalidade e deferência do anfitrião, mas certamente que lhes custaria a engolir o travo amargo de *et multo honestiores cenabant*.

5. Apreciação global de Zoilo e Trimalquião

Vimos atrás que Marcial troçava da existência anterior de Zoilo, ao reputá-lo de ladrão e escravo fugitivo, já que a depravação e o crime constituíam a marca indelével que melhor combinava com a sua real natureza (11.54). É, portanto, com evidente ironia que o poeta vê o liberto a candidatar-se a privilégios especiais, bem à medida da sua jactância (11.12):

*Ius tibi natorum uel septem, Zoile, detur,
dum matrem nemo det tibi, nemo patrem.*

Direito a sete filhos, até to podem dar, Zoilo,
desde que mãe ninguém te dê, ninguém um pai.

De nada vale ao liberto usufruir do *ius trium liberorum*,³² mesmo quando sarcasticamente potenciado a um hipotético *ius septem liberorum*, dado que, numa clara alusão às suas origens servis, ele será sempre um “homem sem mãe nem pai”, sem passado e, portanto, um “Zé Ninguém”.³³ A este cenário vem juntar-se, finalmente, a fraca aparência física de Zoilo: cabelo ruivo, rosto negro, uma perna mais curta que a outra e

³² Esta norma, instaurada como parte da legislação de carácter social promulgada por Augusto, visava estimular o nascimento de crianças.

³³ Embora Zoilo possuísse, como é óbvio, pais biológicos, não os tinha do ponto de vista legal, já que dependia do respectivo patrono. Vide comentário de KAY, *Martial Book XI*, 94.

um olho perdido (12.54). Nesta clara inversão do paradigma da *kalokagathia* grega ou do ideal da *mens sana in corpore sano*, o novo-rico só causaria espanto se conseguisse ter bom carácter. O diagnóstico é fácil de adivinhar e Marcial elabora-o de forma lapidar (11.92):

*Mentitur qui te uitiosum, Zoile, dicit.
Non uitiosus homo es, Zoile, sed uitium.*

Mente quem afirma, Zoilo, que és tu um vicioso.
Tu não és uma pessoa viciosa, Zoilo: és o vício em pessoa.

Trimalquão consegue defender-se melhor que Zoilo do juízo depreciativo. Um dos traços que o caracterizam é, conforme vimos, a obsessão pela ideia da morte, que tanto lhe infunde receio como a tentação de controlar esse momento supremo. Por tal motivo, entre as medidas que tomou em vida para zelar pela imagem depois de morto, encontra-se o respectivo *monumentum* fúnebre. Para ele, idealizou um epitáfio que concentra a essência das suas conquistas (71.12):

*C. Pompeius Trimalchio Maecenatianus hic requiescit. Huic seuratus
absenti decretus est. Cum posset in omnibus decuriis Romae esse, tamen noluit.
Pius, fortis, fidelis, ex paruo creuit, sestertium reliquit trecenties, nec unquam
philosophum audiuit. Vale: et tu.*

Gaio Pompeio Trimalquão Mecenaciano aqui repousa. Foi-lhe atribuído o sevirato em sua ausência. Podia ter estado em todas as decúrias de Roma, mas não quis. Piedoso, valente, fiel, cresceu do nada, deixou trinta milhões de sestércios, sem nunca ter ouvido um filósofo. Passa bem. E tu também.

Nele está presente a usual altivez, com o *agnomen*, que para si reclama, de *Maecenatianus*; já que é pouco provável que seja um dos famosos libertos do conselheiro de Augusto, Trimalquão pretenderá apresentar-se como émulo de Mecenas, no refinamento. Nele se encontra a referência às distinções com que foi honrado e às que declinou. Nele gravou as qualidades que o tornaram importante (*pius, fortis, fidelis*). Nele fixou a consciência incontornável do sucesso, visível na enorme fortuna que amealhou. Nele proclama a inutilidade de certa erudição (*nec unquam philosophum audiuit*), mas, ainda assim, tem muito para ensinar aos scho-

lastici sobre a vida. E até no último momento (*Vale: et tu.*) capta e determina a atenção de quem revê a sua existência.³⁴

Por todas estas razões, importa não menosprezar as capacidades de Trimalquião. Não é um modelo a seguir, mas ninguém lhe poderá negar complexidade e, apesar de tudo, algum poder de sedução. É nisto, essencialmente, que se distingue de Zoilo. Marcial concentrou na figura do liberto, com a graça contundente que o caracteriza, os traços essenciais que andavam ligados à imagem do novo-rico, facultando, assim, um elucidativo exemplo do tipo social que verberava. Petrónio evoca, igualmente, as linhas essenciais da mesma tradição satírica, mas, ao imaginar a figura de Trimalquião, concede-lhe densidade psicológica suficiente para torná-lo numa personagem dotada de carácter e de vida própria, muito além da simples ilustração de um tipo social.

³⁴ Cf., com sentido semelhante, a descrição do mausoléu (71.11): *Horologium in medio, ut quisquis horas inspiciet, uelit nolit, nomen meum legat.* 'E um relógio ao centro, para que quem vir as horas, com ou sem vontade, tenha de ler o meu nome.'